

INTERPRETAÇÃO, HISTÓRIA E TURISMO CULTURAL: EVIDÊNCIAS DO PÓRTICO DA CATEDRAL DE LAMEGO

D. Branco ¹

I. Vieira²

A. Rodrigues³

A investigação foi financiada por: CI&DETS

Resumo

Este artigo pretende destacar a aproximação entre o ensino de História, do Turismo e da Interpretação do património. Neste sentido, uma equipa multidisciplinar tem levado a cabo uma investigação, que envolve intersecções entre estas áreas científicas, numa cidade histórica do norte de Portugal (cidade de Lamego). Foi criado um discurso interpretativo do pórtico de um dos mais emblemáticos monumentos desta cidade histórica (Sé Catedral), tendo sido realizadas entrevistas em profundidade a 15 visitantes.

Concluimos que a interpretação dos recursos históricos permite a construção de um produto turístico patrimonial. Através de uma ligação mais estreita entre o discurso histórico, interpretação e turismo é possível criar uma diferenciação do produto patrimonial tornando-o num produto único e, portanto, mais atraente para os diversos segmentos.

Na construção dos discursos acerca de elementos patrimoniais com vista à apresentação a potenciais visitantes, descobrimos que tanto o discurso histórico como o turístico possuem semelhanças, diferindo, sobretudo, na linguagem. O ensino de História deposita na construção de narrativas uma possibilidade de cultivar a formação histórica dos alunos para atingir consciências históricas. As narrativas recortadas pelo turismo, não negam as históricas, mas a sua intenção passa pela agregação de valores atuais e interpretações que diferenciem o Património.

Palavras chave: Ensino; Recursos históricos; Técnicas de Interpretação, Turismo.

¹ Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, Tel: +351 254 615 477, E-mail: dribeiro@estgl.ipv.pt

² Instituto Politécnico de Viseu, E-mail: ivieira@estgl.ipv.pt

³ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, E-mail: anarodri@utad.pt

INTERPRETATION, HISTORY AND HERITAGE TOURISM: EVIDENCES FROM LAMEGO CATHEDRAL'S PÓRTICO

Abstract

This study aims to show the approximation between the training of History and Tourism. A multidisciplinary team has researched the intersections between these scientific areas in an historic city in the north of Portugal (city of Lamego). Was created an interpretive speech for the Pórtico of one of the most emblematic monuments of this historic city (Cathedral) and in-depth interviews were applied to 15 visitors.

We conclude that the interpretation of the historic resources allows the construction of a patrimonial tourist product. Through closer link between the historical discourse, interpretation and tourism is possible to create a differentiation of the patrimonial product making it a unique product and thus more attractive to the various segments.

In the construction of the discourses of the patrimonial elements, having as an end the presentation for the potential visitors, we discovered that both the historic and the touristic discourses have similarities, differing, mostly, in the language type that is used. Teaching history deposits in the narrative construction an opportunity to cultivate the history training of the students, in order to achieve historic consciousness. The narratives carved by tourism do not deny the historic ones, but their intention passes by the aggregation of modern values and interpretations that differentiate the heritage.

Keywords: Education; Historic resources; Interpretation Techniques; Tourism.

1. INTRODUÇÃO

Convencidos da ineficácia da metodologia passiva em aula, que converte os alunos em recetores dispostos a gravar tudo aquilo que lhes é dito para posteriormente o reproduzir (de melhor ou pior forma), pensou-se na realização de uma experiência pedagógica que inverta este sistema, e que venha ao encontro das diretrizes propostas pelo processo de Bolonha, isto é, conseguir um ensino menos baseado na transmissão de conhecimentos, mas mais concentrado no desenvolvimento de competências. Como resultado destas observações, e com o objetivo da promoção do diálogo e da congregação de esforços com os promotores locais e gestores do património, surgiu a ideia, por parte dos docentes, da criação de um projeto de dinamização e valorização do património cultural, baseado na interdisciplinaridade das unidades curriculares de história, interpretação e itinerários turísticos.

A partir dessa proposta inicial, inúmeras experiências e atividades têm sido realizadas, em diferentes contextos e locais, que demonstraram resultados surpreendentes no crescimento intelectual dos alunos e no desenvolvimento das suas competências, bem como tem permitido a recuperação da memória coletiva, o resgate da auto-estima de comunidade e o encontro de soluções inovadoras de apresentação e interpretação do património cultural aos visitantes. Trata-se portanto de um processo sistemático centrado

no rigor histórico e na flexibilidade do discurso que a ciência da interpretação nos pode oferecer, que procura simultaneamente contribuir para o fortalecimento das identidades culturais.

Como refere Miranda (2001), o estudo e a investigação constituem a base de trabalho de qualquer entidade patrimonial, quer a montante (identificar, documentar e conservar) quer a jusante (apresentar e expor publicamente os resultados). Sem investigação, não existe um levantamento sério dos seus recursos, singularidade e identidade, impossibilitando desta forma, a realização de qualquer projecto que se queira desenvolver.

Este artigo pretende destacar a aproximação entre o ensino de História, do Turismo e da Interpretação do património a partir de narrativas interpretativas sobre a época medieval – bestiários, tomando como estudo de caso um dos mais emblemáticos monumentos de uma cidade histórica do norte de Portugal, inserida no Douro Património da Humanidade: o pórtico da Sé de Lamego. Trata-se de uma abordagem sobre as intersecções do ensino de História e as suas relações a outras áreas como a interpretação e os itinerários turísticos. Acredita-se que no movimento de construção de narrativas históricas, na visita ao passado, no presente, e na tentativa de construir interpretações a partir das indagações desse presente, a consciência histórica se possa formar. A intenção passa pela agregação de valores e por interpretações que realcem as características de um lugar.

Em termos de objetivos específicos, pretendemos (1) conhecer a percepção dos visitantes relativamente à nova forma de interpretação realizada e (2) conhecer o grau de satisfação no que diz respeito à duração da visita (3) conhecer a satisfação global da visita. Para a concretização dos objectivos definidos foi usada uma abordagem qualitativa através da realização de uma inquirição por entrevista aplicado a 15 visitantes.

A abordagem adoptada segue a linha de Ashworth (1994), na qual a interpretação transforma os recursos base, com forte componente intangível ligada à história, em produtos turístico-patrimoniais. A interpretação patrimonial, sendo um dos elementos críticos de qualquer plano de gestão turística, é um instrumento crucial para cidades históricas com potencialidades turísticas. Através da interpretação facilita-se a compreensão e apreciação do património histórico e cultural, descodificando a sua história e tornando-a acessível a vários tipos de públicos. Assim, cumpre-se a função social de democratização do conhecimento e, logo, de valorização do património (Murta & Goodey, 2002).

Para além desta introdução, o artigo inclui cinco pontos adicionais: uma breve revisão da literatura (sobre património, história e interpretação); uma explicação sobre os procedimentos metodológicos; a apresentação do caso de estudo (o pórtico da catedral de Lamego); os principais resultados do estudo; e uma reflexão final.

2. PATRIMÓNIO, HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO

A História e a Cultura têm estado presentes nas motivações dos turistas desde longa data. Basta lembrar que eram estes dois fatores que levavam os jovens aristocratas, no século XVIII, a efetuar viagens, para os centros intelectuais e artísticos da Europa, viagens que mereceram a designação de *Grand Tour* (Henriques 2003). Mas é a partir dos anos 70/80, que o património ganha novos e alargados significados (Ashworth, 1994; Choay, 1982),

fazendo hoje parte das motivações profundas de um número crescente de pessoas. Esta procura é ainda mais expressiva nos locais classificados como Património da Humanidade (Richards, 2009; Chen & Hsieh 2008). Este crescimento da procura é também uma realidade do nosso espaço de estudo - Douro Património da Humanidade (CCDRn, 2011).

Os recursos em que se baseia o património constituem um conglomerado de vestígios, acontecimentos passados, personalidades, tradições populares, mitologias, associações literárias, edifícios associados a lugares, cidades e paisagens, que se encontram intimamente ligados entre si, pelo tempo ou pelo espaço. Estas “matérias” são selecionados, não apenas porque foram os que sobreviveram, mas, sobretudo, como uma forma objetiva e deliberada de captar a atenção do turista (Turnbridge e Ashworth, 1996). Assim, tendo presente que o relacionamento entre o Património histórico e o Turismo se instalou de forma definitiva, há que estabelecer regras de convivência entre ambos numa visão de rentabilização económica e de desenvolvimento social, principalmente sabendo-se que os recursos histórico-arquitetónicos e urbanísticos são fatores essenciais para diferenciação de uma cidade. O desafio que se coloca ao turismo é o de utilizar os recursos patrimoniais, numa perspetiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem numa efetiva melhoria de qualidade dos cidadãos, tanto daqueles que o praticam como daqueles que o acolhem (McKercher et al., 2005; Richards, 2009).

O turismo cultural que se consubstancia na oferta de produtos culturais, compreende as atividades relacionadas com um conjunto de elementos significativos do património histórico e cultural e de eventos culturais valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. Atualmente, o turismo cultural, apesar de se filiar nalgumas das motivações dos viajantes dos séculos XVIII e XIX, tem pouco a ver com a aventura romântica e com o interesse científico. Deixou de ser um fenómeno isolado e minoritário, para se converter numa oferta do sistema turístico global (Agustí, 2003; Richards, 2009).

Deste modo, hoje é fundamental, que os grupos interessados (instituições, empresas turísticas, entre outros) assumam uma estratégia adaptada aos mercados. Para que isso seja possível, é necessário conhecer as necessidades, desejos e motivações dos visitantes, o que permitirá uma gestão sustentável do monumento, que atenda não só à sua conservação e comercialização, como à sua promoção (Cross, 2001; McKercher et al., 2005; Carlo Dubini, 2010). Nesse sentido, vários autores apresentam linhas estratégicas de gestão (Prentice, 1993; Harrison, 1996; Middleton, 2000; Cross, 2001; Patin, 2005).

No que diz respeito à gestão das atrações patrimoniais, a inovação do produto que, em muitos casos, passa pela arte de interpretar, possibilita visitas repetidas, quer por parte das pessoas em geral, quer pela comunidade residente (Lanquar, 2001), tem vindo a consolidar-se e diversos autores apontam novos caminhos (Miranda, 2001; Richard, 2009; Johns & Hoseason, 2000).

As abordagens, bem como os planos de interpretação, variam de acordo com o tipo de visitantes e segmentos que se pretende atingir, possibilitando a diferentes faixas desfrutar do mesmo recurso, da mesma atração, mas de forma diferente (Middleton, 2001).

Miranda (2001) afirma que a interpretação permite atuar com perfeito conhecimento de causa numa determinada linha, conseguindo alcançar propósitos específicos de modo a explicar os valores dos recursos. Este autor chama a atenção para o facto da utilidade da interpretação não ser suficientemente compreendida. Por isso, é frequente que certos

administradores de espaços com importância patrimonial e alguns investigadores e conservadores não vejam com bons olhos a interpretação. Para muitos, a interpretação é o “patinho feito da gestão” (Miranda, 2001).

A Célula de *Promotion y Animación del Desarrollo Rural* nas conclusões das jornadas técnicas, corrobora a opinião de Miranda e afirma que a interpretação desempenha um papel muito importante: é a chave para proporcionar códigos de leitura de patrimónios e paisagens que permitam ao visitante tanto ver, como, explorar, situar, observar, analisar, compreender (CPADR, 2005).

3. METODOLOGIA

Tendo em conta os objetivos, o conteúdo e o contexto da investigação, a escolha da metodologia recaiu na abordagem qualitativa. Segundo Malhotra (2006), este tipo de abordagem mostra-se adequada para compreender a natureza de fenómenos sociais, proporcionar melhor visão e compreensão do contexto do problema. A investigação pode ser, também, considerada como exploratória e descritiva (Gil, 1999). É exploratória dado que permitirá obter mais conhecimento sobre a temática, com o propósito de formulação de problemas mais precisos em posteriores estudos. É descritiva porque se pretende recolher informações sobre perceções, opiniões, visões e atitudes face a um determinado fenómeno.

A metodologia de estudo de casos foi adotada, tendo em conta que os propósitos da investigação residem na tentativa de “compreender fenómenos sociais complexos” (Yin, 1994:3). O caso em estudo é um dos mais emblemáticos monumentos de uma cidade histórica do norte de Portugal, inserida no Douro Património da Humanidade – a Sé de Lamego e o seu pórtico.

A principal fonte para recolha de dados primários foram as entrevistas semiestruturadas a 15 visitantes. Esta metodologia pretende captar as perceções dos visitantes relativamente ao novo contexto interpretativo que lhes é apresentado. Yin (1994) sugere este percurso, quando o objetivo consiste em reproduzir realidades sociais complexas através da metodologia do estudo de casos. Devido a restrições financeiras e de tempo, realizamos um estudo por conveniência e julgamento, tendo sido escolhidos os intervenientes a entrevistar de acordo com critérios específicos. Relativamente ao tipo de procedimento da investigação qualitativa realizada, a abordagem escolhida foi a direta, não encoberta, na qual o objetivo do estudo é revelado, à priori, aos entrevistados, ficando também claro pelo teor das questões colocadas.

Para investigar um leque de aspetos relevantes acerca da nossa experiência interpretativa, foi importante a realização de entrevistas porque “ajuda-nos a melhorar o nosso conhecimento do terreno e pode, ainda, fazer surgir questões insuspeitas que ajudarão o investigador a alargar o seu horizonte e a colocar o problema da forma mais correta possível” (Quivy & Campenhoudt, 2003: 45).

Para a planificação das entrevistas foram pensados os seguintes procedimentos: a definição de objetivos, bem como a construção de um guião, no qual foram operacionalizadas determinadas categorias adequadas à investigação em curso. A entrevista teve como objetivo a análise da perceção dos visitantes acerca da

visita/discurso interpretativo proposto, entre um conjunto de questões nas quais tinham de avaliar uma sucessão de dimensões que se centram em seis categorias (avaliação global, visita guiada, apresentação do espaço, leitura histórica, gestão do tempo, e repetição da experiência), sendo que a categoria “leitura histórica” do monumento/pórtico se desdobra em cinco subcategorias pela pertinência de apreciação da narrativa histórica aplicada (Tabela 1).

Tabela 1: Dimensões analisadas

Categorias	Subcategorias
Avaliação global	Nível de satisfação global com a visita
Visita guiada	Condução dos visitantes
Apresentação do espaço	Enquadramento histórico
Leitura histórica do monumento/pórtico	Relação entre conceitos
	Criatividade
	Mensagem
	Ilustrações
	Relação entre o essencial/acessório
Gestão do tempo	Duração da visita
Repetição da experiência	Fidelização/Satisfação

Realizamos uma análise qualitativa do conteúdo das entrevistas, tendo em conta as categorias/dimensões estabelecidas, que proporcionou homogeneidade e uma linha orientadora em termos das respostas dos visitantes.

Na tabela 2 consta um resumo dos principais aspetos do estudo.

Tabela 2: Resumo dos principais aspetos da investigação

Âmbito geográfico	Norte Portugal
Unidade de Análise	Individual
Inquiridos	Visitantes do monumento (Sé de Lamego)
Período temporal	Setembro 2014
Instrumento de recolha de dados	Inquirição por entrevista aplicada pessoalmente
Análise de dados	Análise do conteúdo das entrevistas

4. CASO DE ESTUDO: O PÓRTICO DA CATEDRAL DE LAMEGO

4.1. Apresentação do monumento

A cidade histórica de Lamego é uma cidade detentora de um espólio arquitetónico de grande valor. O seu património edificado centra-se nas diversas igrejas, principalmente na sua catedral, no Museu de Lamego, no Bairro do Castelo e no Teatro Ribeiro Conceição. Neste trabalho, a partir do estudo de caso desta cidade histórica, foi analisado um dos seus mais emblemáticos monumentos, a Sé de Lamego e, mais especificamente, o seu pórtico (Figura 1 e 2).

Construída no local onde se erigia uma pequena capela dedicada a S. Sebastião, (século X), é o primeiro monumento da cidade em arte e o segundo em monumentalidade, principalmente a parte da torre que foi erguida no século XIII (Azevedo, 1972). Das antigas construções medievais resta-nos apenas a torre e, mesmo esta, já não na sua pureza inicial. Nos meados do século XV é sagrada de novo, o que indica uma larga reforma, se não mesmo reconstrução desde os seus fundamentos (Laranjo, 1990).

O edifício da Sé Catedral, na sua fachada principal, mostra três períodos históricos: séculos XIII e XIV (a torre, já com alterações na parte cimeira); século XVI (o corpo central); e século XVII (patente nas janelas da casa do Cabido). De particular interesse são os pórticos, abertos naquela estrutura gótica flamejante, com marcas renascentistas (Laranjo, 1990).

A frontaria da Sé de Lamego (Figura 1) evoca a época manuelina “encastoadada entre o gótico rural e arcaizante da torre dos séculos XIII e XIV e o estilo do século XVII já mais avançado, patente nas janelas de sacada do Cabido” (Laranjo, 1990: 17). O frontispício manuelino é uma das obras que se fizeram neste tempo, mantendo nos seus portais – o

principal motivo de interesse – toda a estrutura do gótico flamejante. Foi seu mestre o português João Lopes, tendo como subalternos João de Vargas e João de Pamenes. As obras decorreram entre 1508 e 1515 (Laranjo, 1990). As figuras são bastante curiosas, pois representam animais como o porco, o leão, o tigre, o veado, o bode, aves de rapina, pombas e alguns animais fabulosos, como o dragão, e grupos obscenos.

Figura 1: Igreja da Sé – Lamego (Autor Pedro Quintela)



Figura 2: Pórtico principal (Autor Vítor Ribeiro, Abril 2006)



4.2. Discurso narrativo proposto

4.2.1. O imaginário medieval bestiário

Na Idade Média cristã, os artistas, assim como os escritores, tinham como hábito recorrer ao mundo animal, mineral e vegetal para, de alguma maneira, enaltecerem e fomentarem a vida religiosa. Procedente do mundo greco - romano, bizantino e persa, o bestiário impõe-se no mundo cristão medieval, embora com resistência e críticas de alguns pensadores da época. No entanto, é nas próprias Escrituras que vamos encontrar a sua origem e, por isso a sua leitura terá de ser efetuada, não só no seu sentido literal e histórico, como também no moral e alegórico, sendo estes dois aspectos de primordial importância na transmissão do bestiário bíblico. Alguns temas bíblicos não dispensam seres fantásticos ou animais exóticos: a besta do Apocalipse, Daniel na cova dos leões, o Leviatã, Jonas saindo da baleia, a tentação de Adão e Eva; a hagiografia também, como no caso do combate de São Miguel e o dragão, as tentações dos santos eremitas. Os monstros e outros seres dos capitéis seriam elementos decorativos, marginália para a narração ou simbolização de partes da doutrina ou da história sagrada, e indicam as relações da arte medieval com as manifestações estéticas orientais. Na sequência deste legado bíblico, o bestiário medieval foi constituído pela presença dos animais nos milagres, onde surgiam como instrumentos da divindade, ora para punir os inimigos da fé dos israelitas ou os pecadores, ora para proteger os homens santos, ou ainda para restabelecer a ordem divina e fazer prevalecer os desígnios de Deus (Baxter, 1998).

O Bestiário era, pois, uma espécie de registo no qual estavam descritos, os animais da Criação e todos os outros inventados pela fantasia e aceites pela credibilidade dos contadores de prosa e dos poetas que haviam perpetrado o espírito popular da Idade Média. Neste sentido, os letrados cristãos da Alta Idade Média procuraram, através de uma abordagem simbólico-alegórica, descortinar nos seres naturais os sinais que o Criador neles tinha inscrito (Baxter, 1998).

O Bestiário tomou conta do imaginário ocidental trazendo fábulas e mitologias mais diversas. Do ponto de vista da antropologia e da história das religiões, o bestiário é primordial, na medida em que nos inteira do conhecimento do imaginário humano. Pode-se citar como exemplo *Romeu e Julieta* (William Shakespeare) que tem suas origens na obra de Arthur Brooke (*The Tragical History of Romeus and Juliet* - 1562) que, por sua vez, também buscou inspiração em lendas como *Tristão e Isolda*. Novamente, Tristão e Isolda foi tema do compositor romântico Richard Wagner, na segunda metade do século XIX.

O animal faz parte da viagem do inconsciente coletivo da humanidade, como podemos constatar nas diversas obras de cinema como o Senhor dos Anéis, onde os personagens que compõem a trama (elfos, fadas e magos), assim como a ambientação (castelos e florestas) nos remetem ao imaginário medieval. Tomemos também como exemplo a sequência de Harry Potter que também faz uso de um lugar encantado (a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts), e todo um recurso a criaturas sobrenaturais e ferramentas mágicas. Ao Observarmos estas esculturas são como entrar para o mundo que já fez parte do real -imaginário do homem medieval e que, hoje, fascina qualquer um. Quem não se encanta com as histórias dos mitos antigos? Quem nunca encarnou um herói que vai enfrentar uma besta para salvar o povo ou uma crença? Essas lendas fazem parte do passado do homem que se construiu em cima dessas culturas e crenças até ser o homem de hoje. A evolução do homem acompanhou a do animal desde os tempos mais remotos

Realmente, o mundo moderno, é de facto, um mundo cheio de contradições, onde ao lado de um materialismo puro, encontramos formas de espiritualismo e de idealismo. Arte, religião e simbólica andam, não raro, de mãos dadas, e geralmente ligadas a experiências religiosas de carácter ascético.

Mas, para além do legado bíblico, a arte medieval, sofreu também influência de algumas obras dos autores da Antiguidade Clássica. Estas revelaram-se de extrema importância, pois a sua concepção da natureza e dos seus seres, foram transmitidas aos letrados da Alta Idade Média. Foi através destes autores, que o Homem Medieval, tomou conhecimento, não só de diversos animais, muitos deles estranhos à fauna ocidental, mas, sobretudo do comportamento dos mesmos e suas características, que, interpretados segundo o método alegórico-simbólico, contribuíram para enriquecer os bestiários e as enciclopédias, entretanto elaboradas. Tal influência estendeu-se por toda a Idade Média. Também as fábulas gozaram de particular receptividade na Idade Média, influenciando a arte medieval (McMunn, 1989).

Como se sabe, a fábula caracteriza-se por ser um conto curto de conteúdo moral e onde predominam, como personagens, os animais. Estes surgem referenciados com características antropomórficas, manifestando atitudes e comportamentos humanos. Deste modo, as suas acções pretendem caracterizar as dos homens, com o fim de transmitir ensinamentos morais, surgindo os animais nelas descritos de uma forma estereotipada. No entanto, as principais características com que surgiam nas fábulas e que

os individualizavam enquanto espécie, foram amplamente assimiladas ao bestiário medieval (Cronin, 1941).

O que se constata é que a Idade Média preferiu as figuras híbridas e monstruosas, com cabeça humana e cauda de animal fantástico a denotar a perversidade. Estava-se perante uma forma de educação e formação humana e religiosa, que complementarizava e ilustrava o que os sacerdotes e teólogos tentavam fazer de forma discursiva, às vezes confusa e complicada. Repare-se, aliás, que etimologicamente o sema – MONSTRO, deriva sem dúvida demonstrando, indicando aquilo que serve para mostrar alguma coisa (Flores, 1996).

O homem sempre olhou para o animal com um misto de admiração, respeito e medo, procurando imitar as suas qualidades de poder, força, vigor e coragem, a fim de progredir no quotidiano, moral e espiritual, tanto na virtude como na maldade. Face à sua frágil condição, ele tenta absorver as suas qualidades que lhe permitam escapar à sua natureza pecadora e conquistar a salvação. O animal é assim um prolongamento do homem, através dele, este encontrará as respostas aos seus medos e interrogações. Deste modo terá acesso à compreensão de si mesmo, do seu papel na Terra e dos desígnios de Deus. Ele é assim investido de um papel conferido pelo Criador, cabendo ao homem descodificar os símbolos emanados dos seus comportamentos.

Toda a Sagrada Escritura é um livro aberto, onde os artistas, guiados pelos sacerdotes e monges iam buscar a fonte de inspiração para a criação de obras de arte com que adornavam e ilustravam os edifícios, mormente as igrejas e os claustros dos Mosteiros. Ali na rudeza da pedra dura, através de figuras, punha -se ao serviço de toda a gente a ilustração do bem e do mal, da virtude e do pecado. Nas Igrejas, tanto nos tímpanos das portas, suas arquivoltas e capitéis, como nos claustros dos Mosteiros, nos capitéis das colunas, nas mísulas ou modilhões que formavam as cachorradas, ou os suportes das cornijas, esculpam-se autênticas esculturas figurativas, eloquentes “ bíblias dos pobres. Os analfabetos dirigiam-se a esta pregação muda, mas que falava por imagens. Daí ter-se incrementado entre os cristãos a arte como forma de transmitir uma mensagem religiosa, sobretudo decorando os muros das igrejas com frescos, e, mais tarde os vitrais historiados das catedrais e igrejas importantes (Froger y Durand, 1994).

Na verdade a contemplação daquelas imagens bíblicas levava os crentes à meditação nos mistérios de Cristo, da religião e da moral cristãs, à visão do bem que era preciso praticar e do mal que se tornava imperioso evitar (Froger y Durand, 1994).

De facto, hoje sabemos que na arte medieval, as esculturas não eram meras peças decorativas de embelezamento para deleite estético, mas verdadeiros elementos doutrinários ao serviço dos olhos, através dos quais a mente se ilustrava e a moral se fortificava, afugentando as tentações sobretudo carnisais. Talvez por isso abundam as imagens de mulher, símbolo da vida carnal e as figuras de animais (Benton, 1992).

4.2.2. *A sensualidade na arte medieval: a Sé de Lamego*

Podemos colocar a questão: Idade Média e erotismo: dois conceitos contraditórios? Nada pode estar mais longe da verdade. Aquele período que, durante séculos, foi considerado obscurantista revela-se afinal como extremamente criativo nos domínios do desejo e da

sexualidade. Em finais do século XI, os primeiros trovadores cantam a sensualidade, a mulher, o adultério, numa nova conceção do amor em rutura com a herança da Antiguidade; os fabulários, onde o sexo se exhibe com crueza, as canções dos goliardos, a obscenidade de numerosas esculturas, os ritos carnavalescos evocam uma sexualidade impulsiva, ligada a tradições populares muito pouco cristãs. Em suma, o erotismo medieval, rico e contrastado, não cessa de nos surpreender e de nos questionar.

Para além das figuras mascaradas ou disformes do ser humano, certamente a inculcar os pecados capitais (Figura 3), e da reprodução realista dos órgãos sexuais masculinos e femininos (Figura 4), talvez a promover a procriação⁴, aparecem também os “Bestiários” medievais que são, por isso, ao nível simbólico, uma fonte de inspiração para as obras de adorno das igrejas e mosteiros e uma mina para os tratados de moral ou de perfeição.

Figura 3: Erotismo

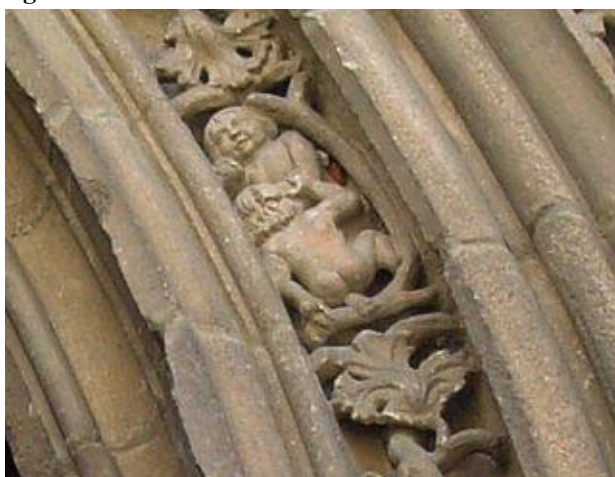


Figura 4: Nus



Os capitéis das colunas foram um elemento da decoração das igrejas do estilo românico/Gótico que sempre despertou a curiosidade e atenção dos historiadores. Os sentidos das figuras fantásticas dos capitéis são múltiplos; ornamentos, alegorias, figuras de uma narrativa: cada iconografia remete um sentido a esses seres ancestrais, que passaram das palavras dos antigos às imagens dos manuscritos, para enfim tornarem-se pedra (Figura 5).

Figura 5: Capitel

⁴ DEL OIMO GARCIA, ANGEL- *Iconografía sexual en el Románico*, Salamanca, if ediciones, 1999. Este autor defende a interpretação procriativa, segundo a qual a figuração dos órgãos sexuais humanos era uma forma de incentivar à multiplicação da espécie humana, dado o despovoamento medieval e a necessidade de repovoamento e expansão da fé cristã para resistir às invasões muçulmanas.



Impressionante é lembrar que esses capitéis decorados com monstros eram, muitas vezes, originalmente policromáticos.

Alguns temas bíblicos não dispensam seres fantásticos ou animais exóticos: a besta do Apocalipse. O Diabo também é um agente de Deus, aquele que aplica as penas do inferno (Figura 6). O demônio era representado como a inconsistência de uma natureza humana, pois a besta não era senão um aspeto do ser humano, uma totalidade corporal destituída de inteligência, mas absolutamente passional para a destruição.

Figura 6: O Diabo



Os animais, as aves, as plantas e os minerais, fornecem o material que permitia o salto qualitativo, através do alegorismo, para melhor incentivar à prática da virtude e evitar o pecado. A iconografia animal tem função simbólica, mas acresce-lhe a função ornamental, visto que o iluminador ou escultor, ao expressar através do animal os ensinamentos morais e religiosos, não se abstrai da criatividade que lhe é inerente. É inegável que o bestiário é um dos motivos escultóricos que mais interesse nos suscita e o que provocaria um efeito de maior intimidação ao homem medieval. O Bestiário remete para o modo de significação característico da Idade Média: nele os animais deixam de ser apenas animais para se assumirem como *exempla*, isto é, como símbolos de vícios ou virtudes e fonte de ensinamentos religiosos e morais.

Como refere S. Agostinho, “Tudo na criação tem uma finalidade, nada é deixado ao acaso, portanto toda a espécie tem uma função: o monstro anuncia as calamidades, adverte o homem para as consequências do pecado. A fera que se submete dócil ensina-o a deixar o pecado e a seguir a virtude, o animal dócil e doméstico lembra-lhe os preceitos morais e espirituais a seguir”. Daí o surgimento da Pomba (Figura 7) como mensagem de paz e o Leão (Figura 8), o primeiro animal a ser descrito nos manuscritos dos bestiários, pois o mais forte.



Figura 7: Pomba



Figura 8: Leão

Podemos concluir que, na Idade Média, a natureza impunha-se à sociedade, marcando os seus ritmos, quotidianos e a própria sobrevivência das comunidades. Na verdade, a sociedade medieval, sendo maioritariamente rural, receava a natureza e as consequências muitas vezes negativas que ela podia trazer à estabilidade económica e social. Em grande parte temida, era por isso respeitada e sacralizada no âmbito duma mentalidade fundamentalmente mágica, mesmo quando os clérigos se referiam à força e aos poderes da natureza como manifestações e revelações que remetiam para o Criador e para a sagrada capacidade de dispensar graças e punições.

É certo que não faltou quem não compreendesse o significado e alcance das representações simbólicas e houve mesmo quem se chocasse com elas e as combatesse como alienantes e indecorosas, sobretudo em ambientes religiosos e sagrados. No entanto, a imagem pagã propagou-se pela cristandade tanto pelas mãos de clérigos, como de laicos e com ela conviveu. A igreja esbateu, mas não conseguiu suprimir, antes apropriou-se habilmente destas imagens e símbolos. Muita da arte profana foi assim assimilada.

Figura 9: Bêbado



Aliás, através da figura 9 como podemos constatar pelos textos de Carmina Burana, na Idade Média havia uma vida boémia de diversificados extratos da sociedade:

(...) Bebe a amante, bebe o senhor,

bebe o soldado, bebe o clérigo,

Bebe ele, bebe ela,

bebe o servo com a serva,

bebe o esperto, bebe o preguiçoso,

bebe o branco, bebe o negro,

bebe o sedentário, bebe o nômade,

bebe o estúpido, bebe o douto,

Bebem o pobre e o doente,

bebem o estrangeiro e o desconhecido.

bebe a criança, bebe o velho,

bebem o prelado e o diácono,

bebe a irmã, bebe o irmão,

bebe a anciã, bebe a mãe,

bebe este, bebe aquele,

bebem cem, bebem mil.

Enfim, bebiam todos...

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta secção tem como objetivo apresentar os resultados obtidos, nomeadamente da avaliação global das técnicas interpretativas feitas pelos visitantes. Tendo como pano de fundo a investigação realizada no âmbito da história e sua ligação com a interpretação e o turismo, um dos principais objetivos deste trabalho foi questionar os visitantes a respeito da qualidade da visita ao Monumento, especificamente no que diz respeito à apresentação/interpretação realizada no pórtico da Sé de Lamego.

De seguida, realizamos a análise qualitativa das respostas dadas, tendo em conta as categorias consideradas.

Avaliação global: De forma geral, podemos concluir que a opinião dos visitantes é unânime, demonstrando um elevado nível de satisfação, o que realça que a visita cultural é do agrado do público, promovendo-se uma maior visibilidade e valorização deste espaço.

“Já tinha visitado a Sé, há cerca de cinco anos atrás, e nunca tinha reparado nessas imagens. Foi uma surpresa...e ainda mais perceber o que significavam. Gostei muito”.

“A visita foi muito agradável. Costumo fazer visitas a monumentos e acho que, em termos gerais, esta visita foi uma das melhores que fiz até hoje”.

“Apesar das explicações que me foram dadas, continuo chocada com o tipo de imagens que estão à porta da Igreja. Mas, gostei da visita”.

Visita guiada: A visita guiada foi avaliada como “excelente”, muito bem “dirigida, organizada e orientada”, bem como “motivadora”, “elucidativa” e “esclarecedora”, na medida em que “proporcionou novos conhecimentos”, pela generalidade dos visitantes que constituíram a amostra. Destacaram o “excelente trabalho do guia”, na medida em que proporcionou aos visitantes “um acompanhamento muito personalizado” e “explicações muito esclarecedoras” entendidas pela grande generalidade dos inquiridos como sendo “apropriadas”.

Apresentação do espaço: Os recursos utilizados de raiz histórica foram tidos como muito bem conseguidos: “excelente, muito claro e informativo”; o enquadramento do espaço é muito útil a qualquer visitante nacional ou estrangeiro, pois permite um acompanhamento mais personalizado em termos explicativos.

Leitura histórica do monumento/pórtico:

Apresenta, relaciona e explica os conceitos de uma forma correta, resultando uma história bem elaborada;

A história integra conhecimentos desenvolvidos durante a visita, bem como resultantes da pesquisa, de forma interrelacionada e criativa;

Texto bem estruturado, claro e com ideias bem encadeadas, resultando numa mensagem inteligível e cientificamente clara;

Ilustração cuidada, com os elementos essenciais em grande destaque, ajudando a clarificar o texto;

Distinção entre o essencial e o acessório. A história inclui informação selecionada devidamente, misturando o que é fundamental com elementos acessórios.

Gestão do tempo: Também a visita guiada foi “muito bem orientada em termos de conteúdo e duração”, sendo direcionada em função de o visitante ficar bastante familiarizado com a história da Sé de Lamego.

Repetição da experiência: Os visitantes consideraram o monumento “um local apaixonante e de grande importância para a cultura portuguesa”, referindo que “ficaram mais enriquecidos culturalmente” e “aprofundaram os seus conhecimentos sociais, culturais e religiosos”, demonstrando vontade de regressar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados desta pesquisa suscitaram algumas reflexões acerca da aproximação de diferentes áreas do conhecimento e como elas podem estar em intersecção. Não é novidade que o discurso turístico influencia sobremaneira o público e que o discurso turístico circula nesse lugar, bem como as informações acerca da História.

Neste trabalho foi possível comprovar que os bestiários constituem documentos preciosos para o estudo da mentalidade medieval o que se traduz numa leitura muito mais apelativa dos monumentos. Deste modo quando aprofundamos o conhecimento histórico na descoberta de singularidades únicas, a valorização do produto turístico-patrimonial, em muitos casos, é imediato.

Verificámos que os textos tipologicamente turísticos, quando atravessados verticalmente com os conhecimentos históricos, tornam-se mais consistentes e mais apelativos. As interpretações ficaram mais enriquecidas. Mesmo que às vezes esses textos tragam marcas de uma história mais rígida no tempo, com a introdução de aspectos da atualidade há acréscimos aos textos: mostram-se menos rígidos e mais sedutores. A ideia de interpretar, seduzindo o visitante, parece ter sido um legado do discurso interpretativo. Ou seja, criam-se subjetividades, sensibilidades, interesses para o conhecimento histórico de outros lugares a partir da experiência vivida.

Trata-se, sobretudo, de reconhecer que o Turismo possui responsabilidades para com a formação histórica dos sujeitos/visitantes. Aliás os resultados deste apontam nesse sentido.

Consideramos que através da ligação mais estreita entre o discurso histórico, a interpretação e o turismo é possível criar uma diferenciação do produto patrimonial transformando-o num produto único e portanto mais atrativo para vários segmentos. Com esse objetivo é necessário abandonar uma postura passiva no processo de transferência da informação, entre as várias áreas de conhecimento, e essas mudanças posturais só são desencadeadas com uma metodologia pró-ativa e interdisciplinar própria que faça com que os discursos histórico-patrimoniais construam “novos” significados, permitindo a construção de um posicionamento único.

Esta pesquisa não se materializou num ponto final. Mas aqui ficam as provocações e as possibilidades de continuidade investigativa, bem como as suas limitações. O presente

estudo focou-se apenas num monumento. No futuro, mais monumentos e suas respectivas épocas históricas, com as suas particularidades, deverão ser estudadas, no sentido de se obter uma visão mais geral de qual o papel deste tipo de projetos na valorização do património. No futuro, será importante estudar, também, a perceção da comunidade local de modo a enriquecer o discurso interpretativo. Há também limitações associadas a aspetos metodológicos: número de entrevistas, escolha dos intervenientes e método de tratamento dos dados.

7. BIBLIOGRAFIA

- Agustí, B. (2003). *Turismo Cultural: Una reflexión desde la ciencia económica*. Análises, Portal Iberoamericano de Gestion Cultural (<http://www.gestioncultural.com>).
- Ashworth, G. (1994). "From history to heritage: from heritage to identity: in search of concepts and models". In G.J. Ashworth and P.J. Larkham (eds.) *Building A New Heritage: Tourism culture and identity in the New Europe*.
- Austin, N. (2002). Managing heritage attractions: marketing challenges at sensitive historical site. *The International Journal of Tourism Research*; vol.4 nº6, pp.447-457.
- Baxter, R. (1998). *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*. Gloucestershire, Sutton Publishing Ltd.
- Benton, R. (1992). *The Medieval Menagerie: Animals in the Art of the Middle Ages*. New York and London, Abeville Press Publishers.
- C.P.A.D.R. (2005). La gestion del patrimonio Cultural y Turismo. In *Conclusiones Jornadas Técnicas*, Grupo LEADER +Tierra Estella (http://redrural.mapya.es/web/temas/conclusiones_jornadas/Documentos/Conclusiones_%20Estella.pdf).
- Carlo, M. & Dubini, P. (2010). Integrating Heritage Management and Tourism at Italian Cultural Destinations. *International Journal of Arts Management*, Vol 12, nº 2, pp.30-43.
- CCDRn (2011). Avaliação do nível de satisfação dos turistas na região norte. Disponível em : http://www.ccdr-n.pt/fotos/editor2/norte2015/avaltur_porto_subregiao.pdf.
- Chen, Y.; Chen, C. & Hsieh, T. (2008). Evaluation of the Economic Value of World Culture Heritage Learning from the Example of the Great Wall of China" *The Journal of American Academy of Business*, Cambridge * Vol. 13, nº2, pp.160-168.
- Choay, F. (1982). *A Alegoria do Património*. Edições 70, Lisboa.
- Cronin, C. Jr. (1941). "The Bestiary and the Medieval Mind. Some Complexities" in *Modern Language Quarterly*, 2, 1941, pp. 191-198.
- Cros, H. (2001). A new model to assist in planning for sustainable cultural heritage tourism, *The International Journal of Tourism Research*, Vol.3 nº2, pp. 165-170.

- Flores, C. (ed.) (1996). *Animals in the Middle Ages. A Book of Essays*, New York and London, Garland Publishing, Froger, Jean-François & Jean-Pierre Durand (1994) *Le Bestiaire de la Bible*. Méolans, Éditions DésIris.
- Froger, Jean-François & Jean-Pierre Durand (1994). *Le Bestiaire de la Bible*. Méolans, Éditions DésIris.
- Gil, C. (1999) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas.
- Harrison, R. (1996) *Manual of Heritage Management*, 2ª edição. Oxford, Butterworth Heineman.
- Henriques, C. (2003). *Turismo Cidade e Cultura - Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa, Edições Sílabo.
- ICOMOS (1999). *Cultural Tourism Charter*. Paris, ICOMOS. (<http://www.icomos.org>).
- Johns, N.; Hoseason, J. (2000). Which Way for Heritage Visitor Attractions? In: Drummond, S. and Yeoman, I., eds. *Quality Issues in Heritage Visitor Attractions*. Oxford: Butterworth Heinemann, pp. 222-242.
- Lambin, J. (2000). *Marketing Estratégico*. Amadora, McGraw – Hill.
- Lanquar, R. (2001). *Marketing Turístico*. Espanha, Ariel Turismo.
- Laranjo, F., (1990). *Cidade de Lamego - Sé Catedral de Lamego*. Lamego, Câmara Municipal de Lamego.
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing: Uma orientação aplicada* (4. Ed). (Tradução
- Mckercher, B. et al. (2005) – “Relationship between tourism and cultural heritage management: evidence from Hong Kong” *Tourism Management* 26, pp.539–548.
- McMunn, M. (1989). “Bestiary Influences in Two Thirteenth Century Romances” in *Beasts and Birds of the Middle Ages: the Bestiary and its Legacy*, ed. Willene B. Clark
- Middleton, V. (2001). *Marketing de Turismo*. Rio de Janeiro, Editora Campus, (4 ed.).
- Miranda, M., (2001). *Guia Prática para la Interpretación del patrimonio*. El arte de acercar el legado natural al público visitante. Sevilla, Junta de Andalucía, consejería da cultura.
- Murta, M. & Goodey, B. (2002). *Interpretação do patrimônio para visitante. Um quadro conceitual. Interpretar e Patrimônio um exercício de olhar*. Primeira Parte. Murta y Albano editoras. Belo Horizonte.
- Patin, V. (2005). *Tourisme et patrimoine*. Paris, Éditions Les Études de la Documentation Française.
- Prentice, R. (1993). *Tourism and Heritage Attractions*. Londres :Routledge.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*.
- Reis, C. (2003). *Marketing Cultural e financiamento na cultura*. São Paulo, Thomson.

Richards, G. (2009). *The Impact of Culture on Tourism*. Paris, OECD.

Turnbridge, J.; Ashworth, G. (1996) – *Dissonant Heritage: The Management of the Past as a Resource*. Londres, John Wiley & Sons Ltd.

Yin, R.K. (1994). *Case study research: Design and methods* (2nd ed.). Newbury Park.